

## ENSINO DE LITERATURA

### O ESTUDO DA ESTILÍSTICA NA GRADUAÇÃO EM LETRAS

*Rita de Cássia Rodrigues Oliveira (UERJ)*

#### INTRODUÇÃO

Comentar, pensar, falar ou simplesmente escrever sobre a Estilística não é tarefa das mais simples. Porém, nada impede que tal tarefa seja ao menos ensaiada por meros orientandos de Iniciação Científica ou estudantes de graduação. É fato evidente que o pouco conhecimento curricular adquirido sobre a Estilística não faz de nenhum bacharelado um perito no assunto, e poucos são os discentes que o querem ser. Também não é objetivo do curso de Letras formar especialistas no tema. Como poderá um aluno ser *expert* se raros são os casos de docentes acadêmicos que realmente o são? Portanto, é perfeitamente justificável um artigo nesse tom de ensaio.

#### O LUGAR DA ESTILÍSTICA NA GRADUAÇÃO EM LETRAS

Antes das discussões teóricas sobre a Estilística vale ressaltar que a mesma não ocupa um lugar de destaque no âmbito acadêmico. Em uma universidade, onde se espera que dúvidas e questionamentos sejam estimulados, o que se apresenta aos alunos são verdadeiras “receitas de bolo”, roteiros de análises Estilísticas já devidamente prontos. Isso no que tange à parte prática do assunto. Na parte teórica, o que se percebe é a apresentação de inúmeros teóricos e várias datas de referência, que não dizem nada. A Estilística é dada aos alunos. Não é discutida nem trabalhada. A análise Estilística proposta nos roteiros prontos tampouco passa por modificações ou aceita sugestões – ainda que se autodenominem “roteiros mínimos para análise Estilística de textos”, em que o mínimo pressupõe a adição de outros quesitos para se tornar máximo.

Na verdade a proposta é somente apresentar o perfil histórico da Estilística e ditar as normas ou roteiros para futuras análises. Os teóricos franceses e germânicos são os mencionados: Saussure, Bally, Marouzeau, Spitzer, Vossler, Buller. E a Língua Portuguesa não é digna de uma Estilística própria? No Brasil não há autores e estudo-

os capazes de apontar o norte para uma Estilística da Língua Portuguesa? Indagações desse tipo não são promovidas em sala de aula, mas surgem hoje na mente de orientandos de Iniciação Científica que já passaram pelas aulas de Estilística.

### A INICIAÇÃO CIENTÍFICA E A PESQUISA COMO COMPLEMENTOS À FORMAÇÃO ACADÊMICA

A Iniciação Científica possibilita aos universitários, graduandos, a introdução sistemática em atividades de pesquisa, sob orientação de professores qualificados e com a concessão de bolsas de financiamento aos jovens-pesquisadores. Assim, o aluno pode desenvolver uma investigação relativa ao seu campo de saber, fundamentada teórica e metodologicamente, complementando sua formação acadêmica.

Talvez seja óbvio declarar que dedicar somente um período acadêmico aos estudos estilísticos seja pouco, pouquíssimo e, por isso, justifica-se a falta de maiores discussões sobre o assunto. Cabe ao discente que se interessar pela disciplina buscar mais informações. Mas por onde começar a buscá-las? Essa busca pode consistir em uma mera curiosidade ou deve ser transformada em um trabalho de pesquisa? Será que um estudante de Letras está preparado para transformar sua carência de informação em desejo por pesquisas? A universidade como um todo objetiva estimular o aluno-pesquisador?

Tantas indagações bem poderiam fazer parte de um projeto de pesquisa. Mas elas não precisam de respostas por escrito, muito menos de comprovação científica. Todos já sabem como contestá-las. Precisam, de fato, fazer parte do dia-a-dia do meio acadêmico e de propostas para executá-las.

A Iniciação Científica promove verdadeira evolução da capacidade de análise linguística através dos estudos de revisão e pesquisa bibliográficas. Mais que cumprir as leituras quantitativamente, os projetos almejam a qualidade do material lido e o aproveitamento que se obteve das leituras. Cabe aqui uma ressalva quanto aos termos “revisão” e “pesquisas” bibliográficas.

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta

## ENSINO DE LITERATURA

compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (Lima; Miotto, 2007, p. 38)

Dessa forma, a revisão bibliográfica precede a pesquisa bibliográfica. Esta irá fundamentar toda e qualquer pesquisa.

Ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiarão a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente. (p. 44)

Outra condição fundamental para a pesquisa é a interação entre os participantes, ou seja, a simples troca de idéias. Quanto mais alunos envolvidos maiores são as chances de solucionar os problemas e de ter resultados surpreendentes. São nos projetos de pesquisa que professores e alunos se veem motivados inconscientemente a testarem as idades de aprendizado propostas por Roland Barthes na publicação *Aula* de 1978, que apresenta a transcrição da aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, ministrada por ele em 07 de janeiro de 1977. Ele afirma que todos, em especial os docentes, devem estar atentos às seguintes idades: 1ª idade: ensinar o que se sabe; 2ª idade: ensinar o que não se sabe; 3ª idade (a da *Sapientiae!*): *desaprender*. O ideal é que todas essas idades sejam estimuladas não só nos projetos de pesquisa, mas também em sala de aula, principalmente quando esta estiver localizada em uma universidade.

### EM SUMA, O QUE SE PRETENDE DIZER COM A PALAVRA PESQUISAR?

O foco principal de qualquer pesquisa é buscar a solução para um determinado problema. Porém, há métodos específicos para chegar a essa solução. Há experiências e leituras que deverão ser realizadas para que o resultado seja o mais preciso possível e, portanto, para a melhor resolução do problema.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Pesquisar é criar devires, exprimir o virtual incluído em uma situação, lançar multiplicidades que não podem ser presas nas grandes máquinas estatais, geralmente binárias (tais como homem-mulher, branco, negro, adulto-criança, etc.). (Gauthier, 1999, p. 14)

Pesquisar é criar o singular, o extraordinário, a solução, mas sempre tendo em vista que o material criado, o método, as respostas, as soluções e resultados podem ser refutados a qualquer momento. Sendo assim, o pesquisador está a todo instante lidando com o inacabado (Minayo, 1994, p. 23).

A pesquisa, cuja proeminência nas últimas décadas é indiscutível, brota de uma curiosidade insaciável que deve ser canalizada para o aperfeiçoamento intelectual, já que os domínios afetivo e motor vão acontecendo em concomitância e, frequentemente, em consequência da evolução cognitiva dos indivíduos. (Simões, 2004, p. 16)

### A TERCEIRA IDADE DE BARTHES E O POSICIONAMENTO DO DOCENTE UNIVERSITÁRIO

A partir da idade da *Sapientiae* proposta por Barthes, pretende-se desaprender o que foi ministrado na graduação durante o período dedicado à Estilística, ou seja, questionar as possíveis verdades que foram impostas, desmistificando o púlpito em que alguns professores ainda estão assentados.

Talvez seja difícil para alguns docentes desaprender e tomar uma nova posição dentro do processo de ensino-aprendizagem, pois como afirma Melo (2006, p. 83) *encontramos nos discursos produzidos as marcas da sociedade que os produziu*. Nesse sentido, um indivíduo com formação acadêmica enraizada nas décadas de 60 ou 70, tempos ditatoriais, pode encontrar sérios problemas para tentar desaprender o que sempre aprendeu: o professor é o detentor do conhecimento e o aluno é um mero aprendiz que não pensa, só absorve o que lhe é ensinado ou imposto. O que corroborou para a criação de mais uma máquina estatal binária (Gauthier, 1999).

Mas felizmente há os que caíram nas garras da pesquisa e buscam a todo instante desaprender. E essa desaprendizagem (se é que se pode utilizar esse neologismo) é a mola propulsora dos projetos de pesquisa em geral.

## ENSINO DE LITERATURA

### IDÉIAS QUE SÓ A INICIAÇÃO CIENTÍFICA E A PESQUISA PODEM PROMOVER

Longe de ratificar ou retificar os ensinamentos ministrados pelos mestres durante a graduação, pretende-se discuti-los e ensaiar novas idéias (ou seriam idéias novas) para o assunto, a disciplina, estudo e/ou ciência dita Estilística. Nesse ponto se estabelece uma importante tarefa a cumprir: determinar a Estilística como ciência, independente de seu método ou teórico. No entanto, caberá à próxima seção introduzir tal questão.

Por ora, apenas se evidenciarão propostas interessantes vinculadas ao projeto de Iniciação Científica *Matrizes Técnico-Teóricas Para Uma Estilística Semiótico-Funcional: Modelo Aplicado*, orientado pela Profa. Dra. Darcilia Simões.

O projeto é de caráter teórico, ou seja, não há inicialmente experimentos ou testes, apenas leitura de publicações consideradas relevantes para alcançar o objetivo primordial do projeto, que é criar uma teoria de análise Estilística de textos com base na Semiótica. O problema que o projeto pretende solucionar é a ausência de uma teoria Estilística própria no âmbito da análise de textos em língua portuguesa, o que torna as aulas de português um tanto descomprometidas com o uso da língua na sociedade nacional atual. Assim, pretende-se aperfeiçoar o ensino da língua nacional, produzindo um instrumento de apoio técnico-didático aos docentes e discentes.

A capacidade de avaliação de textos é uma exigência da vida contemporânea. A mídia e a velocidade dos tempos cibernéticos expõem os sujeitos a uma infinidade de textos que chega a desorientá-los quando não se encontram preparados para esse enfrentamento. Ademais, não basta a análise gramatical dos enunciados, é preciso investigar por que se diz algo de uma maneira e não de outra, ou seja, averiguar o arranjo dos signos com vistas a lhes captar marcas de intenções Estilísticas que subsidiariam uma leitura mais madura. Para tanto, entende-se que a produção textual precisa ser analisada para além da gramática.

Nessa perspectiva surge a Estilística semiótico-funcional, que reúne instrumentos e argumentos semióticos para a interpretação de enunciados verbais, de modo a captar idéias subjacentes e subsidiá-

rias que possibilitariam um entendimento mais rico da mensagem. Entende-se que formar usuários versáteis linguisticamente é prepará-los para uma prática social eficiente.

## PARA SE CHEGAR À ESTILÍSTICA SEMIÓTICO-FUNCIONAL

Inicialmente, para se chegar até a elaboração de uma teoria de análise estilística de textos com base na perspectiva sócio-semiótica de Peirce e Halliday, foi necessária a leitura de obras relevantes sobre Estilística.

Com o intuito de compreender criticamente os dados das fontes pesquisadas, optou-se pelo método de pesquisa bibliográfica da seguinte maneira: responder questionário e elaborar fichamentos e resenhas, mediante discussões das obras lidas. A elaboração do fichamento, para maior operacionalidade, converteu-se imediatamente em resenha crítica, uma vez que mesclaram-se comentários aos trechos retirados do texto, seja literalmente ou por paráfrases. Para exemplificar o trabalho realizado, segue excerto da resenha crítica do livro de Gladstone Chaves de Melo

*Comentário:* Gladstone Chaves de Melo critica a não-inclusão do literário nos estudos de Bally. Menciona a impossibilidade de uma estilística da língua viva.

(...) enquanto é perfeitamente possível investigar nos textos escritos de uma língua os recursos expressivos e sistematizá-los, já se torna difícil a até irrealizável semelhante proeza com a língua viva, com o uso cotidiano e coloquial da *fala*. Porque aqui os processos são variadíssimos e, não raro, fugidios: um tipo de olhar, uma discreta ou marcada alteração fisionômica, uma piscadela, uma leve contração das pálpebras, as várias entonações, que podem, por exemplo, transformar o sério em jocoso, que podem traduzir ironia, repulsa, carinho, asco, indiferença ou paixão. (p. 25)

*Comentário:* Para o autor, além dos recursos expressivos, cabe à Estilística a análise do ajustamento entre escolha e situação linguística, o que demanda saber pensar e ter gosto.

Porém, seguindo as sugestões da orientadora (em função do tempo disponível para leitura), os demais fichamentos foram desenvolvidos tecnicamente de acordo com o conceito evidenciado a seguir, dando preferência ao tipo “a”, já que não conseguimos caracte-

## ENSINO DE LITERATURA

rizar o material produzido como fichamento e, muito menos como resenha.

Esta é a forma mais elementar de anotação de conteúdos pesquisados. Pode ser feito, pelo menos, de duas formas: a) por cópia direta; b) por paráfrase. (Simões, 2004, p. 45)

Eis outro trecho que mostra a evolução dos fichamentos. Dessa vez, o excerto é da obra *A Estilística*, do francês Pierre Guiraud

### 8.4) Uma estilística funcional

Penetramos imediatamente num jogo de espelhos de complexidade e sutileza infinitas. Podemos, não obstante, reduzir o problema a três grandes lineamentos: a) A natureza da impressão ou o tema (...) b) A fonte da expressão (...) c) O alvo da expressão. (p. 158-9)

Feito o fichamento, prosseguiu-se com a resposta ao questionário proposto pela orientadora como verificador de leitura e em seguida com o desenvolvimento da resenha crítica. A seguir temos as questões propostas no questionário.

- Como é definida a estilística pelo autor.
- Quais os propósitos de uma análise estilística?
- Quais os conteúdos privilegiados pelo autor como objeto de observação estilística?
- Quais os valores estilísticos propostos pelo autor quando de uma análise concreta?
- Qual a vertente teórica do autor e qual outra já lida que se lhe pode associar ou contrastar. Justifique sua resposta.
- Na condução dessa leitura, o que se pode inferir como objeto futuro para a estilística semiótico-funcional?

Na elaboração das resenhas, percebe-se que há mais liberdade para fazer comentários, expor opiniões, recomendar ou não o livro.

Esta é uma modalidade de tomar-se notas dialogando diretamente com o conteúdo em estudo. Ao mesmo tempo que o leitor faz o registro de dados relevantes da leitura realizada, acrescenta-lhe, imediatamente, sua opinião sobre o lido; discute a visão do autor e registra a sua visão (do leitor) de modo a facilitar, na futura consulta, a identificação de prós e contras naquele material, naquela corrente teórica, enfim, naquela fonte. (Simões, 2004, p. 46)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Seguimos o roteiro de movimentos retóricos proposto por Carvalho (2002):

Padrão retórico de resenhas acadêmicas
Movimento retórico 1: APRESENTAÇÃO E AVALIAÇÃO INICIAL DO LIVRO
Sub-função 1: definindo o assunto ou tema do livro e/ou Sub-função 2: explicitando abordagem utilizada e/ou Sub-função 3: registrando seus objetivos e/ou Sub-função 4: delimitando leitores potenciais da publicação e/ou Sub-função 5: fornecendo informações sobre o autor e/ou Sub-função 6: fornecendo avaliação inicial
Movimento retórico 2: DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO DE PARTES DO LIVRO
Sub-função 7: descrevendo a organização geral do livro e/ou Sub-função 8: especificando o assunto de cada parte e/ou Sub-função 9: avaliando partes específicas do livro
Movimento retórico 3: RECOMENDAÇÃO FINAL SOBRE O LIVRO
Sub-função 10: recomendando o livro ou Sub-função 11: recomendando o livro com restrições ou Sub-função 12: desaconselhando o livro

### OBSERVAÇÕES SOBRE UMA DAS CORRENTES SEMINAIS DA ESTILÍSTICA MEDIANTE AUTOR BRASILEIRO

A Estilística possui duas correntes seminais, a saber: a Individual ou Genética (germânica) e a da Expressão ou Descritiva (francesa). A primeira se interessa mais pelos autores, sua vida e obra, dedicando-se a estudar o estilo individual do autor. A segunda corrente teórica busca analisar os processos de expressão/impressão, relacionando a forma com o pensamento geral, sem se deter em um autor específico. Uma vertente faz as vezes da crítica literária, enquanto a outra pretende estudar o estilo, a expressão/impressão.

O autor brasileiro que se destaca na década de 70 como incentivador de uma Estilística da e para a língua portuguesa é Gladstone Chaves de Melo. Outros também se interessaram pelo tema, como

## ENSINO DE LITERATURA

Rodrigues Lapa e Silveira Bueno, ambos criticados por Melo (1976) como defensores de compêndios de recursos da língua, não enquadrando suas obras como referências para os estudos estilísticos.

Melo (1976) propõe um estudo estilístico com base na teoria francesa e seguindo os ensinamentos de Pierre Guiraud. A Estilística francesa foi inaugurada por Charles Bally, discípulo de Saussure, em 1902, e contou com os estudos de Marouzeau, Cressot e Guiraud. Nessa linha de raciocínio, o que se entende por Estilística é a ciência do estilo. Melo considera o estilo de acordo com a definição de Silvio Elia que afirma ser o estilo o *máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua* (Melo, 1976, p. 24). Tem-se então o objeto de estudo que é o efeito expressivo na matéria-prima que é a língua.

Gladstone Chaves de Melo critica em seu ensaio a não-inclusão do literário nos estudos de Bally. Menciona a impossibilidade de uma estilística da língua viva, ou seja, da fala. Além dos recursos expressivos, o autor julga necessária a análise do ajustamento entre escolha e situação linguística, o que demanda saber pensar e ter gosto. Para ele, a estilística está paralela à gramática, objetivando mais que sistematizações de fatos, estudando também as funções, os valores, apoiando-se em disciplinas auxiliares, como a Fonética, a Lexicografia, a Linguística Geral, a Psicologia, a Sociologia, a História e a Retórica.

Qualquer ciência possui metodologia para analisar seu objeto de estudo. A discussão sobre métodos não pode excluir o fato de a estilística ser, no tempo em que foi escrito o ensaio, uma ciência ainda prematura e apresentar campos com objetivos diversos. No entanto, ainda hoje há uma intensa discussão sobre a refutabilidade de alguns métodos e aceitação de outros, bem como quanto à delimitação do objeto de estudo da estilística. Melo considera como método mais fecundo o proposto por Marouzeau. Segundo este especialista, melhor que fazer estudos sobre autores e suas respectivas obra é analisar os processos. “*Consiste em, diante do fato, diante da escolha da variante, procurar resposta para estas duas perguntas: Qual foi a intenção do autor? Qual será a impressão do destinatário?*” (Melo, 1976, p. 48). Entendendo essa variante como o resultado das esco-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

lhas, que é a alma do estilo. “A *lingua* oferece possibilidades: o sujeito elege uma e rejeita outra.” (Melo, 1976, p. 23)

Há um senão que o Gladstone Chaves de Melo coloca: a estilística que ele pretende desenvolver não pode esquecer a distinção entre as línguas portuguesa e francesa, ou seja, nem tudo que se aplica a uma pode ser aplicado à outra. Feita essa ressalva, o mesmo autor afirmou que a análise estilística da morfologia da língua portuguesa era algo ainda impossível (amenizando seu senso categórico com um “talvez”). Guiraud faz a mesma ressalva, mas quanto à língua francesa. Teria Melo se dedicado a uma análise da morfologia de nossa língua ou somente importado a idéia de Guiraud, que afirma o mesmo tendo em vista sua língua?

Uma questão relevante nesse contexto é a seguinte: Até que ponto o tradicionalismo de Gladstone Chaves de Melo e seu apego intenso aos clássicos e ao vernáculo não o impediram de aceitar em nível morfológico os neologismos como dinamizadores da morfologia portuguesa? É o próprio autor que relata

Mas, apesar da importância da morfologia, ela talvez não dê margem a uma exploração por parte da Estilística. Parece que isto resulta de seu caráter estático, armazenário, por assim dizer. Ela não passaria de simples rol de possibilidades, perfeitamente caracterizadas. Se se trata da estrutura dos vacábulos e de sua significação genérica, podemos levar longe a doutrina gramatical e a teorização linguística (...) Mas, quando se trata de escolha, surge o problema do emprego, e então caímos na sintaxe. (Melo, 1976, p. 116)

### AINDA QUE BREVE, EIS UMA IMPORTANTÍSSIMA CONCLUSÃO

As conclusões realizadas até o momento demonstram que há poucos estudiosos brasileiros dispostos a elaborar uma metodologia de análise estilística tendo em vista exclusivamente a língua portuguesa. Os especialistas no assunto se baseiam em teorias estilísticas realizadas em outros idiomas e importam as idéias estrangeiras conscientes de que nem sempre tais idéias poderão ser aplicadas ao nosso idioma. É urgente, portanto, o surgimento de uma teoria estilística voltada para a língua portuguesa e, mais ainda que contribua para um aperfeiçoamento do ensino do idioma português no Brasil.

## ENSINO DE LITERATURA

Os métodos para uma análise estilística são ainda bastante subjetivos, variando de acordo com o gosto de cada autor ou de cada pessoa que se disponha a fazer uma análise nesse sentido. No entanto, ainda que os métodos sejam reconhecidamente subjetivos, nenhum teórico até agora lido, seja ele estrangeiro ou brasileiro, nega o caráter científico da estilística. Este artigo, além de evidenciar a visão da Estilística a partir da visão crítica de graduandos, visa a enfatizar a relevância substancial de práticas de iniciação científica como complementares à formação acadêmica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

CARVALHO, G. *Resenhas/Reviews*: Um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em Inglês e em Português. Niterói: UFF, Instituto de Letras, 2002, 207 fls. Mimeo. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos.

GAUTHIER, Jacques. O que é pesquisar – Entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência **In**: Educação & Sociedade, nº 69, dezembro/99, p. 13.

GUIRAUD, P. *A estilística*. 2ª ed. Tradução: Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katálysis*, 2007, vol. 10, nº spe, p. 37-45.

MELO, Eliana Meneses. Linguagem, conhecimento e discurso pedagógico. **In**: *Revista Brasileira de Linguística*. Vol. 14, nº 1, ano 32, São Paulo: Universidade Brás Cubas: Terceira Margem, 2007, p. 83-88.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. **In:** —. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

SIMÕES, D. *Trabalho acadêmico. O que é? Como se faz?* Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004.